

# Social-democracia: sonho dos candidatos

HELENA CHAGAS

BRASÍLIA — Experiências de governo bem-sucedidas na Europa e a necessidade de dar ênfase às propostas de reformas sociais profundas num regime democrático deram súbito charme à social-democracia na sucessão presidencial brasileira. Os dois candidatos adeptos desta linha política — Mário Covas (PSDB) e Leonel Brizola (PDT) — fazem questão de propalar a filiação. E Fernando Collor de Mello (PRN), que até então não demonstrara maiores simpatias, tem feito elogios à social-democracia. Na mesma semana, Collor e Brizola viajaram em busca do respaldo dos líderes sociais-democratas europeus. No País, seus correligionários tentam obter a adesão de sociais-democratas brasileiros.

No Brasil, dois partidos disputam o título de autêntico representante da social-democracia: o PDT, filiado à Internacional Socialista — Brizola foi eleito na última semana um de seus Vice-Presidentes —, e o PSDB, que a ostenta no nome (Partido da Social-Democracia Brasileira) e tem suas diretrizes no programa.

— A social-democracia do PSDB é retórica, é só discurso, porque eles têm no partido forças conservadoras que não seguem esta linha — ataca o pedetista Vivaldo Barbosa, citando como exemplo de “conservadores” os Senadores José Richa (PR) e Afonso Arinos (RJ) e o Deputado Ronaldo César Coelho (RJ).

— O Brizola tem uma ligação orgânica com a social-democracia, porque é filiado à Internacional, mas é um político de tradição populista — contra-ataca o Senador Fernando Henrique Cardoso (PSDB-SP).

Assim como Brizola e Fernando Henrique, a maioria dos sociais-democratas brasileiros se impressionou com as experiências européias e fortaleceu laços com lideranças estrangeiras da social-democracia durante o exílio, especialmente a partir de 1968. Foi neste período, que Brizola fez amizade com Mário Soares, de Portugal; Felipe Gonzalez, na Espanha; e Willy Brandt, na Alemanha.

Fernando Henrique e outras lideranças do PSDB, apesar de não terem vínculos formais, também têm bons contatos com Mário Soares, Felipe Gonzalez e com o Primeiro-Ministro francês, Michel Rocard.

Apesar de o PSDB e o PDT congre-

garem o maior número de simpatizantes desta linha política, eles estão também espalhados por outros partidos, embora sem ostentar o título de sociais-democratas. No PT, o Deputado Plínio de Arruda Sampaio e o sociólogo Francisco Weffort são dois bons exemplos.

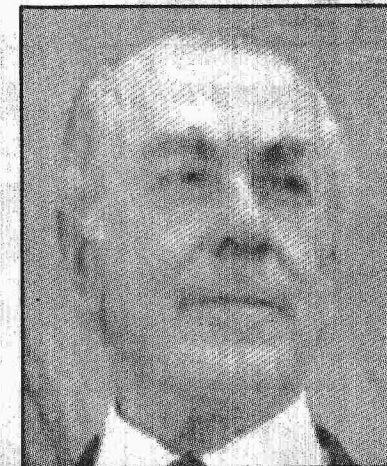
Mas o que seria a social-democracia à brasileira? Por mais que admirem os modelos usados nas sociedades européias por governos sociais-democratas que obtiveram êxito e alcançaram um nível de bem-estar social mais alto do que o dos Estados Unidos, os brasileiros estão conscientes de que, aqui, serão necessárias adaptações. Pedetistas e “tucanos” acham que a social-democracia — que na Europa se preo-

cupa principalmente em desenvolver políticas fiscais e sociais — deve, no Brasil, se concentrar em temas como crescimento econômico e distribuição da riqueza.

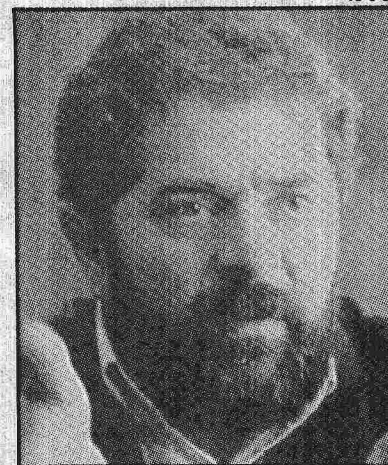
O programa do PSDB afirma que “a social-democracia contemporânea é uma síntese de idéias e experiências históricas que busca superar as injustiças do capitalismo sem incorrer nos aspectos discutíveis do socialismo”. Explica que a social-democracia brasileira é desenvolvimentista, entendendo que o crescimento econômico deve ser instrumento para a melhoria da distribuição da renda e para o atendimento das necessidades básicas da população.



Covas: chancela no nome do PSDB



Brizola: apoio do controverso PSI



Lula: simpático para o SPD alemão



Collor: o mais recente convertido